ANO 7.º — Sexta-feira, 1 de Maio de 1914 — NUMERO 320

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS
Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA

Aveiro e a sua guarnição militar---A's festas de domingo assistem os srs. ministro da Guerra e General de Divisão

Brilhantes demonstrações patrioticas

Em amplo e intimo convivio, emocionados pelo mesmo Ideal e confundidos na mesma estreita comunhão do maior sentimento humano—o amor da Patria—o povo, o exercito e a marinha, representados pelas forças que constituem a guarnição desta cidade, fraternisaram na grandeza da solenidade duma grande festa que teve logar, entre nós, no domingo passado.

E foi de tal grandeza esse acto, teve ele, para nós, que o vimos com os olhos da alma, tão alta e alevantada significação, que arreigou em nossos corações a consoladora esperança de que esta Patria tão amada, sob a égide das novas instituições e com o amparo dedicado daqueles que sabem ser sinceros filhos, tem o seu futuro garantido, a sua existencia mantida no percurso dessa interminavel estrada que se chama o Futuro!

As afirmações de Fé, as referencias da Historia e as promessas terminantes de Dedicação e de Amor que o exercito fez pela boca do seu chefe e dos seus oficiaes e o povo pela do modesto e honrado presidente do *Grupo de Defêsa da Republica*—Bernardo Torres—não são daquelas que se perdem no espaço ou que se apaguem na amplidão como natural consequencia apenas dum efeito, preparado adrêde para o fim que se pretende obter.

Essas palavras nascidas da alma, vibrantes como as notas dum clarim, ecoando nos milhares de peitos reunidos com a similar grandêsa do ribombo dum trovão acordando o espaço e abalando a terra; essas palavras cairam em todos os corações como balsamo vivificante, despertando sentimentos que sempre foram para todos os povos e em todos os tempos o poderoso e invisivel condutor que os leva á vitoria e ao triunfo!

E quando por muitas partes grasnam aves agoureiras maldizendo o destino desta Patria tão querida, é demasiadamente salutar e em extremo consolador afirmar que não nos devemos preocupar nem com a morte individual sequer por que tal preocupação paralisa as energias da vida!

E assim neste esforço comum, impulsionados pelo mesmo sentimento, quer nos cubra o peito uma blusa ou uma farda; todos filhos deste torrão abençoado, dominados pelo mesmo afecto, de olhos fitos na face anciosa dessa Mãe querida que mede o perigo e conhece o mal, combatamos a ignorancia, que é a lepra, fostiguemos o fanatismo, que é a peste e calcando superstições, que são o embaraço constante ao Progresso de um Povo, marchemos, confiados no Futuro, que é nosso, de cabeça erguida, conscios dos nossos Deveres e dos nossos Direitos!

Direitos que nos garantem oito seculos de independencia e de luta, de esforço e de progresso conquistado palmo a palmo numa cruenta batalha que de épocas remotas regista infamias e traições abrangendo as que ha tres anos a esta parte são o pão nosso de cada dia!

Colhâmos da alta moralidade da festa de domingo todo o benéfico resultado, todo o efeito salutar que dela advem como um grande exemplo e uma edificante lição!

Não tenha ela apenas o significado dum abraço que estreitou em terno amplexo, fortificado nos mais elevados sentimentos, o exercito e o povo. E' preciso que dela mais alguma cousa signifique e resulte.

E assim, ainda que a infamia da época seja real; que o egoismo,

Coronel José Cristiano Braziél
(Atual comandante de infanteria 24)

o interesse e a deslealdade pululem numa subversão miseravel dos que deslealmente dizem servir á Republica, que é a Patria, o homem estoico e digno não diminue de grandêsa com a abjeção exterior.

Sejam quaes fôr as vergonhas presentes, sejam quaes fôr os golpes com que o vai-vem dos acontecimentos nos fira, seja qual fôr a aparente deserção, a letargia momentanea dos espiritos ou a infamia dos vendidos e a falsa dedicação de determinados aderentes, nenhum de nós, democratas, renegará esta esplendida época em que estamos e que é a idade viril da humanidade e da Patria!

A época que proclama a soberania do cidadão e a inviolabilidade da vida, coroa o povo e consagra o homem.

Exaltando a causa determinante, a fonte nascente da magnifica festa de domingo, bem dizemos, em gritos de entusiasmo, não só os seus promotores, mas tambem toda a classe militar de Aveiro—infanteria 24, cavalaria 8 e os valentes marinheiros da nossa armada, pequena em numero, mas inegualavel em heroismo, juntamente com o patriotico *Grupo de Defêsa da Republica* que tão bem soube encarnar na sua ideia e na sua acção os sentimentos e o patriotismo de todos os sinceros e dedicados republicanos.

A iniciação dos festejos

—≡(•)≡—

O cortejo civico e a parada militar no Côjo com a assistencia do sr. ministro da Guerra e General de Divisão — A entrega da Bandeira — Alocuções e discursos — Ractificação de juramento—Outros numeros do programa

O dia de domingo amanheceu ventoso, mas pouco a pouco se foi dissipando esse máu companheiro até que á hora do cortejo asfixiava-se de calor. Os srs. General de Divisão e Ministro da Guerra haviam chegado na vespera para assistirem a todos os festejos do patriotico *Grupo de Defêsa da Republica* e essa circunstancia ainda mais contribuia para o exito das festas que se anteviam brilhantes.

A' alvorada estralejam foguetes e a musica asilar percorre algumas ruas anunciando o inicio da comemoração. Todos os edificios publicos e associações aparecem embandeiradas. O quartel de infanteria, esse, ostenta primorosas ornamentações interiores, com alegorias várias nas dependencias, em que porfiadamente trabalharam recrutas e soldados, sargentos e oficiaes.

Doze horas e na rua Almirante Reis começa o desfile do cortejo. Abre-o a fanfarra do Asilo-Escola seguida pelos asilados de ambos os sexos acompanhados pelos respectivos directores e de mais pessoal. Depois seguem-se as escolas centraes masculinas e femininas das duas freguezias, Escola Normal com o seu corpo docente, Colegio Moderno e professoras, filarmonica José Estevam, Companhia de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes com carro alegorico, Associação dos Bateleiros com estandarte, Centro Escolar Republicano, Academia Aveirense com a sua bandeira, banda dos bombeiros de Ilhavo, Companhia dos Bombeiros Voluntarios de Aveiro com um carro alegorico, funcionarios publicos, carro da cidade representando um belo conjunto de assuntos e costumes locaes, Câmara Municipal com o seu estandarte e forças da guarda fiscal.

As ruas do trajéto acham-se apinhadas de povo, as janélas dos predios, donde pendem ricas colgaduras, completamente cheias, predominando o elemento feminino, que sobre o cortejo atira, aqui e ali, pétalas de flores, em profusão, provocando quentes aclamações.

Os vivas á Patria, á Republica e ao exercito, são ineterruptos.

A' passagem do cortejo pelo largo da Vera-Cruz e rua do Cães são descerradas as lapides com os nomes de M. Magalhães e João Mendonça lendo o sr. governador civil duas alocuções alusivas ao acto.

Entretanto, na vastissima esplanada do Côjo, é já grande a quantidade de povo que ali se concentra para assistir á entrega da bandeira, vendo-se, a meio, formadas, as forças de marinha, infanteria e cavalaria, oferecendo o recinto desusada animação e empolgante aspecto.

A chegada do sr. Ministro da Guerra e General de Divisão fez-se com o cerimonial do costume, vindo aguardar á entrada do grande largo essas duas entidades militares avultado numero de oficiaes e fazendo a continencia as tropas da guarnição, que, sob o comando do sr. coronel José Cristiano Braziél, ali se achavam postadas. Pouco depois do sr. Ministro da Guerra ter passado revista a estas, aproxima-se o cortejo e é então que dele se destacam os representantes do *Grupo de Defêsa da Republica* levando numa valiosa salva de prata a bandeira de sêda, ricamente bordada a ouro pela sr.ª D. Maria Adelaide de Oliveira, e que o seu digno presidente, o velho republicano Bernardo Torres, depõe nas mãos do sr. Ministro da Guerra, a quem rodeava a oficialidade da guarnição e milhares de pessoas, dizendo:

Senhor Ministro!
Senhor Comandante!

Como presidente do *Grupo de Defêsa da Republica* da cidade de Aveiro, cabe-me a honra de depôr nas vossas mãos o estandarte que ofertamos ao glorioso regimento do vosso comando, como preito de homenagem pelos relevantes serviços por ele prestados na fronteira, em defêsa das nossas instituições politicas.

O regimento de infanteria 24 que já nas guerras peninsulares se havia distinguido, batendo-se heroicamente pela Patria, tem sido modernamente um exemplo vivo e belo de quanto é brioso o exercito português.

Ao espirito da disciplina admiravel que sempre no seu seio se tem notado, á correcção e compostura com que se tem sabido apresentar, á fórma atraente por que os seus soldados e os seus oficiaes se teem conduzido, não podia deixar de corresponder a simpatia da população aveirense que, com efeito, vota a este brilhante corpo do

O carro da cidade

nosso exercito o mais vivo e comprovado afecto.

Mas acrescente-se ao seu porte exemplar, que seria já bem justo titulo de gloria, a sua lealdade e patriotismo, e ter-se-ha a rasão porque o 24 numa hora de perigo para as Instituições que nos regem, foi dentre todos os regimentos do país o escolhido para primeiro fazer frente aos inimigos da Republica, que, armados em territorio estrangeiro, acabavam de entrar na terra portugueza, tão triste nota exarando nos anais da historia patria.

Marchando para a fronteira, e na fronteira permanecendo, este regimento, zeloso e ardente no cumprimento do dever, deu taes provas de tenacidade, de resistencia, de abnegação, de disciplina e de entusiasmo pela sua missão, que bem mereceu da Patria e da Republica.

E tendo conquistado então tantos louvores, não podia esta cidade, que na sua despedida e chegada, tão empolgantes manifestações de carinho lhe tributou, deixar de lhe testemunhar, por uma fórma imorredoira, a sua homenagem sincera e calorosa.

A melhor fórma que para isso encontramos foi esta, sr. Comandante—oferecer ao vosso e nosso regimento uma bandeira!

Uma bandeira, todos nós, militares e civis, irmãos no mesmo sangue português e irmãos na mesma fé patriotica, o sabemos, é um simbolo que tem atravessado os tempos, ao qual se prende os ideaes dos partidos, dos exercitos, das nações.

E' esse simbolo que hoje depômos em vossas mãos—simbolo sagrado da Patria que estremecemos, cuja guarda e cuja honra tão especialmente vos está confiada.

Essa bandeira traduz a epopeia deste povo; reune em si as glorias do passado que nos encheu de brilho e as esperanças do futuro que nos hade cobrir de triunfos.

Se este povo resurge, se esta Patria se engrandece, se esta nacionalidade progride, sr. Comandante, o futuro pertence á comunhão do Povo e do Exercito na mesma aspiração e no mesmo ideal.

Da nossa intima solidariedade, é penhor essa bandeira.

Que o 24 a conduza sempre pelos mesmos caminhos de gloria por onde até hoje se tem conduzido, honrando o Povo, honrando o Exercito, honrando a Patria e a Republica.

O sr. Pereira de Eça, tomando a bandeira, diz que em nome do governo agradecia a patriotica oferta, penhorante distinção que a cidade de Aveiro acabava de ter para com infanteria 24. Entregava-a ao regimento com a firme certêsa de que êle a saberia honrar, defender e guardar.

Por sua vez é autorisado a usar da palavra o nosso amigo tenente Gaspar Ferreira, cujos dotes oratorios o impõem pela sua fluencia e elegancia de frase.

O orador começa por dizer que a ideia é a impulsora do progresso de todos os povos, mostrando que as antigas civilisações se avantajaram por ela e que Portugal escreveu toda a sua historia de descobertas e conquistas, alentado por ela.

Essa ideia creada no cerebro e acrisolada no coração, nascida com o pensamento e amalgamada com o sentimento, teorisada como uma doutrina e crida como uma religião, demonstrada como um problêma e sentida como um amor é que fórma a alma nacional, é que unifica a consciencia do povo e

constitue a Fé patriotica e a Crença num destino.

E sendo a Fé patriotica e a Crença num destino apanagio indelevel de todos os portuguêses, tendo sido elas as forças impulsoras da realisação dessa epopeia resonantissima, dessa epopeia tão grande que grita ao mundo inteiro:

Cesse tudo quanto a musa antiga canta
Que outro poder mais alto se levanta,

tendo elas fornecido nas horas de humilhação e desgraça, nas amarguras de decadencia, meios para esta nacionalidade se alevantar de novo, tendo elas produzido energias necessarias para sacudir os jugos de Castela e de Bonnaparte, não tem consentido tambem que a propaganda da duvida e do péssimismo quebre a fibra patriotica.

E esta tem vibrado entusiasticamente sempre que um perigo ameaça a integridade nacional, produzindo os heroicos movimentos de 31 de Janeiro de 1891 e de 5 de Outubro de 1910.

Os portuguêses repeliram sempre aqueles que lhe veem, como aves agoirentas, grasnar aos ouvidos as lamentações de todas as desgraças, e teem exaltado sempre aqueles que se mostram confiantes que esta patria tem ainda um destino a cumprir.

A estes os portuguêses nunca faltaram com o seu apoio e estão sempre prontos a demonstrar-lho categorica e entusiasticamente e assim, compenetrada de que o exercito tem na vida nacional uma alta missão a desempenhar, qual é a da defêsa da integridade do territorio nacional e de que a ele compete a garantia do cumprimento da Lei e do exercicio dos direitos dos cidadãos, a cidade de Aveiro quiz num memoravel festival vir entregar ao regimento de infanteria n.º 24 aquela Bandeira, simbolo de uma Patria.

E o regimento de infanteria n.º 24 agradecendo á cidade de Aveiro aquela gentileza não se arreceia de naquele momento soléne, garantir pela sua voz que conservará sempre as suas tradições gloriosas escritas na historia patria pela heroicidade dos seus soldados e iriadas e esmaltadas já pela voz do maior dos oradores contemporaneos—Antonio Candido—á proposito da comemoração da defêsa da ponte de Amarante em 1809, e pela voz sobria do inflexivel Beresford que, a proposito da sua acção nas campanhas peninsulares, proclamou que *jámais houvera valor mais determinado*.

O regimento de infanteria n.º 24 tomará, pois, o compromisso de que saberá honrar a sua Bandeira de fórma a que ela possa continuar dignamente a assinalar uma patria cuja historia, na frase de um grande orador, se compõe de folhas da longitude do planêta e da altitude das estrelas.

E que vendo, o orador, que o Ideal que movia todo aquele festival era o de um acendrado patriotismo e a manifestação de uma confiança do povo no seu exercito, Ideal que fazia com que naquele momento se evocassem todas as brilhantes tradições do passado e se evidenciassem todas as aspirações do futuro, e atendendo aos elementos promotores daquela solenidade, julgava azada a ocasião, julgava oportuno o momento de todos juntarem as suas vozes numa aclamação entusiastica, num brado unisono e altisonante:

Viva a Patria!

Viva a Republica!

As ultimas palavras de Gaspar Ferreira são cobertas com intensos aplausos e os vivas correspondidos com veemencia e calor.

A seguir é hasteada a bandeira, que as bandas de musica saudam com o hino nacional enquanto a guarnição lhe faz a respectiva continencia.

A compacta multidão, apezar da ardencia caustica do sol, descobre-se, sendo belo, e imponente, e comovedor nesse momento o espectaculo, como outro ainda não houve egual no vasto campo compreendido entre o edificio do *Hotel Central* e a antiga estrada da Fonte Nova. Dele conservarão, cértamente, os aveirenses infindas recordações porque foi bem tocante, bem sentido e bem soléne o acto que dentro dos seus muros têve logar.

A RACTIFICAÇÃO DO JURAMENTO DE BANDEIRA

São agora perto de 15 horas.

O alferes Canelhas, colocando-se á frente do regimento, diz:

Ex.mo Ministro da Guerra

Soldados!

Em todos os povos e em todos os tempos houve sempre uma insignia em redor da qual a tribu, o grupo, o nucleo ou a nação se juntava, respeitando-a e defendendo-a como um simbolo da sua vontade colectiva.

As hostes mediaveis combatiam á sombra de balsas, gonfalões, estandartes, galhardetes e flamulas; só depois da Edade Média é que a Bandeira nacional começou a tomar a significação que hoje tem.

Nós, como todos os povos, registamos exemplos da mais sublime abnegação em defêsa e honra da Bandeira e a Ela temos ligadas inolvidaveis tradições de independencia e bravura!

De independencia, porque vimos afirmando ha muitos seculos neste canto de terra debruçado sobre o mar, a varonilidade da raça, a persistencia na evolução social e o amôr da liberdade.

De bravura, porque com a ponta das baionêtas escrevemos com o sangue dos inimigos subjugados, uma epopeia em cada país, um hino em cada batalha e um poêma em cada mar; poêma cujas estancias principiam com Viriatonas regiões alcantiladas e agrestes dos montes Herminios, são continuados por Gama e Albuquerque nos climas enervantes do Oriente e vão-se perpetuando em Africa nos sertões pantanosos e selvaticos.

Soldados!

Não está ainda cumprida a missão historica da nação portuguêsa.

No Côjo—A continencia á bandeira

Quem pretende que este velho leão agonisa muribundo, falseia o seu preterito, atraiçôa os designios do futuro, insulta os velhos de ontem e ultraja a geração de ámanhã. O exercito hade saber honrar as suas tradições e se tiver de soar a ultima hora, saberá caír envolto na rasgada Bandeira escrevendo com o sangue do ultimo dos seus o testamento que mão vingadora um dia cumprirá!

Mas não; não se apaga assim facilmente uma nacionalidade emquanto nas paginas da sua Historia existirem em letras luminosas os nomes de Ourique, Salado, Aljubarrôta, Valverde, Ameixial, Roliça, Bussaco e tantos outros! Não se apaga assim facilmente uma nacionalidade que vive livre e independente ha oito seculos, que tem uma historia cheia de heroismos e uma vida cheia de trabalhos em prol da civilisação; uma lingua em que se teem traduzido os mais altos sentimentos e os mais imocionantes dramas e uma arte que se tem firmado em todas as suas manifestações. Portugal é uma nação historicamente formada, politicamente constituida e administrativamente organisada com vitalidade e energia para viver, progredir e cooperar na marcha evolutiva da humanidade.

E viverá, progredirá, desde que cada um se esforce por desempenhar com honestidade os encargos que a Patria lhe imponha; conservando sempre vivido aquele sentimento que deve ser o mais nobre e o mais alevantado de todos os sentimentos—o amor patrio—pondo-o acima de todas as paixões e de todos os cultos pois que, como dizia Julio Ferry, o amor, a paixão e o culto da Patria devem absorver e resumir todos os amores, todos os cultos e todas as paixões.

Verdadeiro cimento social capaz de manter o poder dum povo, é ele um sentimento bem gravado no coração de todos os homens, que nos arranca lagrimas amargas de indignação quando julgamos a Patria humilhada ou menos presada, lagrimas de alegria quando a julgamos respeitada e feliz, lagrimas de entusiasmo quando ouvimos ou lêmos as paginas fulgurantes da nossa Historia, os feitos heroicos dos nossos antepassados!

E' cérto que este sentimento nem sempre se manifesta e algumas vezes mesmo parece adormecido no tumultuar das lutas internas que dilaceram os povos. Mas quando o patrimonio comum está em perigo, os inimigos de ontem e os rivaes de sempre abatem as bandeiras partidarias e num impulso de solidariedade correm a oferecer á Patria a propria vida em defêsa desse patrimonio herdado dos antepassados e que todos querem legar intacto e honrado aos vindouros.

Soldados!

Se todo o homem sente amor pela sua Patria porque nela se encerra o que ha de mais doce, terno e consolador, as mais felizes recordações como as mais afectuosas saudades, os mais doces encantos como os mais intimos laços, necessariamente o afecto patriotico será muito mais intenso quando ela, a Patria, encher de orgulho e admiração os filhos que recordarem o seu passado de gloria.

Assim nós, os portuguêses.

Filhos de um país que tendo nascido pobre, pequeno e cercado de perigos, cresceu entre o fulgor de continuas e porfiadas lutas, conquistou palmo a palmo o solo e adquiriu a preço do seu sangue a independencia. Depois, não encontrando na estreiteza dos seus limites amplidão bastante para tal musculatura nem ar suficiente para tamanhos pulmões, vai de Lisboa a Ceuta, a Tanger, a Çafim, a Mazagão, Ormuz, a Diu, a Timor, a Australia, ás florestas da America, adquirindo um tão vasto imperio e tão grande dominação pelo esforço heroico e persistente de seus filhos que, emquanto no mundo se dér apreço ao valor, seus feitos serão sempre

«...............*tão dignos de memoria*
Que não caibam em verso ou longa historia!»

Mas não basta o passado para garantia da nossa vitalidade; não se vive apenas de tradições gloriosas, quaes fidalgos arruinados que se contentam de pascer vaidades estereis na leitura de velhos e semi-apagados pergaminhos. E' necessario que cada um se esforce para o engrandecimento da sua Patria pelo trabalho, pela defêsa da sua honra, dos seus direitos e dos seus legitimos interesses. E' assim que se manifesta o amor por Ela. Devemos ama-la e defende-la até ao ultimo arranco de vida. E se um dia a desgraça nos bater á porta e fôr necessario morrer—morreremos, sim; mas devagar!—como dizia em Alcacer-Kibir esse louco visionario D. Sebastião. Se em qualquer ponto do territorio surgir o inimigo, guerra sem treguas a esse inimigo, ergamo-nos todos como um só homem para o repelir e expulsar, em defêsa dos nossos direitos historicos que se ganharam balisando mares desconhecidos com destroços de naufragios e riscando verêdas nos sertões com o sangue de herois e martires.

Soldados!

Fazei desse sentimento—o patriotismo—uma verdadeira religião; adorae o seu simbolo—a Bandeira.

Ainda que para alguns Ela nada mais seja do que um pedaço de sêda, nós, o exercito, que temos a honrosa missão da sua guarda e aqueles que na mais sublime manifestação patriotica no-la confiam, compreendemos bem nitidamente quanto encerra de grande esse pedaço de sêda. Companheira desvelada das nossas alegrias e tristezas na ardua mas honrosa missão de campanha, parece ter ela vida, alma e emocionar-se como nós, estendendo-se como que altiva e orgulhosa á mais leve viração quando sobre ela se refulge a gloria. E no arrastar doloroso da retirada é Ela ainda que, comovida, escuta e conforta os desespêros e maldições dos vencidos. Tem uma expressão de magua quasi humana quando, depois do revez, passa triste, tristemente caída sobre a sua haste.

Não a abandoneis nunca, soldados, que é a prêsa de maior valia que póde caír nas mãos do inimigo, é a maior mancha de desonra que póde caír sobre o nosso regimento, a perda dessa Bandeira. E quando no acêso da luta a artilharia fizer ouvir o seu ribombar medonho, a fuzilaria levar a morte até ás fileiras inimigas, os clarins e cornêtas tocarem a avançar, se qualquer de vós sentir as forças exaustas tornar-se-ha de novo um heroi fitando aquela Bandeira e vendo no tremular das suas pregas como que os braços agitados e incitadores da Patria!

Pela vossa honra, como cidadãos e como soldados, perante esse querido pedaço de sêda, simbolo da Patria, que, com desvanecido orgulho e imenso prazer relembro, ao nosso regimento foi oferecido pela patriotica cidade de Aveiro, ides ractificar publicamente o juramento que prestastes ao assentar praça nas fileiras do exercito português. Que o conjunto de circunstancias sugestivas que neste acto se congloboram para lhe dar todo o realce, concorra para mais profundamente ele ficar gravado na vossa memoria.

Reparai bem que é o mais sagrado de todos os juramentos o que Ides contraír perante os vossos camaradas e perante os vossos concidadãos, de defender a Patria e as instituições.

Ides jurar seguir até á morte essa Bandeira gloriosa que representa a nossa vida e a nossa independencia.

Defendei-a sempre atravez de todos os perigos que defendereis assim a honra sem mancha desta terra gloriosa que é o nosso berço, o nosso lar, o nosso tumulo, o nosso passado, o nosso presente e o nosso futuro, terra das nossas aspirações e céu das nossas ideias!

Ela flutuará altiva e honrada como simbolo de um povo de soldados e marinheiros desde que sigais sempre aquelas espadas onde quer que elas brilhem na frente das vossas baionêtas. E se dizimado o nosso regimento, virdes que já não poderá ser portuguêsa a terra que tem de cobrir-nos, feliz daquele que, vendo perdidas as esperanças de salvação da Patria, caír envolto nessa Bandeira, dizendo num heroico arranco de despedida:

Patria, ao menos
Juntos morrêmos!

A multidão irrompe em aclamações interrompidas pelo ajudante do regimento, sr. capitão Pinto Queimada, que pede silencio para lêr os deveres militares. E' tambem lida a formula do juramento findo o qual é dada ordem de dispersar afim de dar começo aos

JOGOS SPORTIVOS

com premios em objectos e dinheiro aos recrutas que mais se distinguissem.

Foi a todos os respeitos interessantissimo esse numero do programa das festas, que nós já não podemos desenvolver por absoluta carencia de espaço. Nele tomou tambem parte a secção masculina do Asilo-Escola Distrital, que primorosamente executou alguns exercicios de ginastica sueca, sendo bastante ovacionada.

Os principaes premios foram assim distribuidos:

Corridas de obstaculos

1.º premio—relogio de prata ao soldado n.º 33 da 5.ª companhia, José de Pinho Vinagre.

2.º premio—despertador ao soldado n.º 149 da 1.ª companhia, Antonio Maria de Oliveira.

3.º premio—3$50 ao soldado n.º 161 da 5.ª companhia, José Simões.

4.º premio — cigarreira de metal ao soldado n.º 153 da 8.ª companhia, Carlos Ferreira.

Saltos em largura

1.º premio—1$50 ao soldado n.º 101 da 11.ª companhia, Manuel Martins de Oliveira.

2.º premio—1$50 ao soldado n.º 151 da 7.ª companhia, Gonçalo Maria.

Saltos em altura

1.º premio—1$50 ao soldado n.º 80 da 10.ª companhia, Manuel Augusto de Almeida.

2.º premio—$50 ao soldado n.º 105 da 11.ª companhia, Antonio Gomes de Oliveira

Corridas de bicicletas

1.º premio—3$50 ao soldado n.º 122 da 8.ª companhia, Antonio de Bastos.

2.º premio—1$50 ao soldado n.º 95 da 11.ª companhia, Antonio Gomes Duarte.

Luta de tracção

Unico premio—6$00 ganho pelo 3.º batalhão.

A todos estes divertimentos assistiram ainda os srs. Ministro da Guerra e General de Divisão bem como a banda regimental que durante eles executou, num coreto improvisado, alguns trechos variados do seu reportorio.

Por ultimo têve logar o desfile do regimento para o quartel, elogiando o sr. Ministro da Guerra, pelo que observou, a correcção, a disciplina e irrepreensivel compostura das forças militares de Aveiro.

A' NOITE

O banquete de confraternisação

Pelas 19 horas realisou-se no *Hotel Central* o banquete comemorativo da oferta da Bandeira e no qual tomou parte quasi toda a oficialidade da guarnição, de grande uniforme, o sr. Ministro da Guerra, General de Divisão, governador civil, etc., que davam á sala um aspecto de invulgar grandêsa e excepcional brilhantismo.

No lugar de honra sentava-se o sr. Pereira de Eça, ministro da guerra, que tinha á sua direita, os srs. Bernardo de Souza Torres, presidente do *Grupo de Defêsa da Republica* e da comissão executiva do municipio e coronel Alexandre Sarsfield e á esquerda o deputado Marques da Costa e coronel José Cristiano Braziél.

Em frente o sr. João Rodrigues Blanco, general da 5.ª Divisão militar, tendo á direita o sr. dr. Augusto Gil, governador civil do distrito e Pascoal de Quintanilha, inspector de Finanças, e á esquerda os srs. Alberto de Oliveira, coronel de cavalaria e Filinto Feio, administrador do concelho e comissario de policia.

Nos outros logares tomavam assento: dr. Mélo Freitas, secretario geral do governo civil, 1.º tenente da armada, servindo de capitão do porto, Silverio da Rocha e Cunha, major João Ambrosio Rodrigues, tenente Antonio Rebelo, tenente Vitorino Gonçalves Canelhas, capitão Ferreira Viegas, alferes Antonio Maria Soromenho de Almeida, maestro Antonio Alves, tenente Vivar de Souza Dores, tenente Antonio Ferrão, alferes Antonio Ernesto de Almeida, tenente Joaquim Augusto Geraldes, tenente Brochado Brandão, capitão Mario Gamélas, capitão Strech de Vasconcélos, major José Pires, Fortunato Mateus de Lima, da direcção do *G. D. da R.*, major Euselino Ferreira da Silva, major João Augusto Leitão, capitão Mario Franco, capitão Rosa Martins, capitão medico Zeferino Borges, tenente Coelho de Figueiredo, tenente Gaspar Ferreira, alferes Rogerio Tavares, tenente Joaquim da Costa Rebocho, alferes Amilcar Gamélas, alferes Duilio da Silva Marques, alferes José Canelhas, capitão Barão de Cadoro (Carlos) capitão José Pinto Queimada, capitão ajudante Carvalho Dias, Manuel de Souza Gouveia, do *G. D. da R.*, major Alberto Salgado, tenente-coronel José Domingues Peres e Arnaldo Ribeiro.

Foi servido o seguinte:

MENU

Sopa de perola
Peixe cosido com molho branco
Empadão de aves
Filetes de vitela com espinafres
Mayonaise de lagosta
Perú assado com agriões
Frutas variadas, queijo, ananaz

DOCE: pudim de amendoa e ovos em fio

VINHOS: de meza (branco e tinto)
Porto, Madeira e Champagne

Café e Licores

OS BRINDES

Ao *toast* levanta-se em primeiro logar o sr. coronel Cristiano Braziél que, num curto, mas empolgante improviso, agradece ao *Grupo de Defêsa da Republica* e á cidade de Aveiro a bandeira com que foi distinguido o regimento do seu comando, bandeira que será religiosamente guardada e defendida como o simbolo sacrosanto da Patria de que o exercito é um permanente esteio. Sente não ter a eloquencia dos grandes oradores para naquele momento, um dos mais solénes da sua carreira militar, traduzir todo o entusiasmo de que se acha possuido pela fórma brilhante como decorreram as festas verdadeiramente patrioticas que vinham de se realisar e das quaes conservará perduravel recordação intima.

Sauda o *Grupo de Defêsa da Republica* e a patria de José Estevam, o grande liberal e combatente nas campanhas da liberdade.

Segue-se-lhe Bernardo Torres, em nome do *Grupo de Defêsa da Republica* que diz ter esse nucleo local traduzido apenas o sentir da cidade e saldado uma divida que estava em aberto com o regimento de infanteria 24 pelos inumeros serviços prestados na fronteira do norte ás instituições a quando das várias tentativas dos monarquicos para as derrubar. Brinda, portanto, ao exercito português, representado pelo ilustre ministro da guerra e em especial ao regimento 24 na pessoa do seu digno comandante sr. Cristiano Braziél.

O sr. Ministro da Guerra diz que é sempre para ele muito grato agradecer os brindes feitos ao exercito, a que se honra de pertencer, e mórmente agora em que desapareceu o titulo de guerreiro que de longa data assentava sobre o soldado português que nem por isso deixa de ser intrepido e audaz na ocasião precisa. Elogia a missão do professor de instrução primária porque é a missão civica patriotica, base de toda a nossa constituição moral e termina exclamando: para mim exercito e povo estão stritamente ligados; por isso bebo pelo povo.

O sr. dr. Augusto Gil sauda na pessoa do sr. ministro da guerra o ministério da Republica.

O sr. general de Divisão brinda ao sr. ministro da guerra.

O sr. dr. Augusto Gil dá conta dum telegrama recebido da presidencia do ministério de saudação ao sr. ministro da guerra e povo aveirense.

O deputado Marques da Costa sauda o sr. ministro da guerra e em especial a guarnição militar de Aveiro e o coronel Sarsfield que tão distintamente comandou o regimento de 24 associando-se a todas as manifestações patrioticas realisadas após a implantação da Republica. Recorda os serviços prestados á Patria e ás instituições pelo corpo que o *Grupo de Defêsa da Republica de Aveiro* vem de homenagear, frisa a acção dos verdadeiros republicanos que trabalham pelo engrandecimento moral e material do país e por fim ergue a sua taça bebendo por tôdos os amigos desinteressados de Portugal republicano.

O sr. coronel Cristiano Braziél brinda ao sr. general de Divisão.

O sr. coronel Sarsfield ergue a sua taça pelo regimento de infanteria 24 que comandou no periodo agitado das incursões monarquistas recordando com saudade todos os seus companheiros e o então major Peres, de quem faz caloroso elogio. Bebe á cidade de Aveiro e ao seu querido regimento.

O dr. Mélo Freitas, num elegante improviso, sauda o sr. ministro da guerra, para quem tem palavras de encomio, erguendo, por fim, a taça pela Patria, pelas instituições, pelo representante do exercito, pela raça portuguêsa.

O sr. tenente-coronel Péres agradece as referencias que lhe fez o seu antigo comandante, coronel Sarsfield e diz que o *Grupo de Defêsa da Republica* praticou um acto de civismo pela maneira como dirigiu o seu gesto ao exercito e ao regimento de infanteria 24 oferecendo-lhe a rica bandeira, que tem a certêsa ele saberá guardar e defender com honra para a Patria, para a Republica e para a cidade de Aveiro. Brinda ao *Grupo de Defêsa da Republica* e aos seus camaradas.

O sr. Rocha e Cunha, capitão do porto, bebe pelo exercito que em todos os tempos tem sabido honrar a raça portuguêsa.

O tenente Gaspar Ferreira, pela Grei e pela Lei, brinda á Patria, ao Povo, á Republica e ao dr. Marques da Costa, de quem faz um caloroso elogio como deputado e republicano, embora adversario politico.

Arnaldo Ribeiro, congratula-se com a festa a que deu logar a oferta da Bandeira pelo *Grupo de Defêsa da Republica* ao regimento de infanteria, recorda a acção dos distintos oficiaes, coronel Sarsfield e major Peres nos momentos de perigo que a Republica atravessou e diz esperar que o regimento continue as suas gloriosas tradições sob o comando do seu novo e digno chefe, Cristiano Braziél. Levanta a sua taça para saudar o brioso regimento do 24, a Patria e a Republica.

O sr. capitão Barão de Cadoro (Carlos) lembra que tambem o esquadrão de cavalaria aquartelado nésta cidade deu provas da sua fidelidade ás instituições indo para a fronteira combater os seus inimigos. E', pois, justo que a ele se preste a devida homenagem e seja compreendido egualmente nas saudações a que tem jus.

O sr. coronel Sarsfield aludindo ao brinde de Arnaldo Ribeiro diz que aspirou sempre a vêr irmanados os principios sem o que não póde haver efectivamente amor ao regimen e dissertando sobre este assunto dá por terminada a série dos brindes bebendo á guarnição militar de Aveiro, a todos os soldados, quer de cavalaria quer de infanteria, ao povo português, emfim, cujo patriotismo se tornou digno de admiração aos olhos do mundo culto.

Todos estes brindes *foram* calorosamente correspondidos e acompanhados de prolongados *hurras*, retirando os convivas cêrca das 22 horas para acompanharem o sr. ministro da guerra á estação do caminho de ferro onde embarcou para Lisboa, no comboio correio, agradavelmente impressionado com a fórma como decorreu a festa para que fôra convidado.

A banda regimental tocou junto ao Hotel várias peças escolhidas do seu variadissimo reportorio, sob a regencia do contra-mestre sr. Lourenço da Cunha, agradando sobremaneira.

OUTRO JANTAR

Tambem os sargentos das duas unidades militares désta cidade se reuniram no *restaurant* Mourinho para solenisar, juntos, o dia de domingo com um lauto jantar que decorreu animado, cheio de patriotico entusiasmo. No fim foram da mesma sorte trocados inumeros brindes, indo á sala em que se achavam reunidos os briosos militares, saudá-los, o director e o alferes Canelhas a quem receberam com jubilo, afectuosamente,

oferecendo-lhes uma taça de champagne.

Após a despedida do sr. ministro da guerra toda a oficialidade se concentrou no jardim público onde se estava realisando o

FESTIVAL NOTURNO

com a cooperação da musica do Asilo Escola e banda regimental.

Quando ali chegamos regorgitava esse aprazivel recinto, que poucas vezes temos visto tão frequentado como nessa noite de domingo.

A iluminação era a gaz e á veneziana destacando-se na parte musical o concerto de oucarinas, coroado com muitos e repetidos aplausos, e ainda a execução, a tres vozes, de várias canções pelo orfeon organisado entre os soldados do batalhão de Ovar, distintamente regido pelo sargento sr. José de Oliveira Pinho. Alguns numeros foram de tanto ou tão pouco efeito, que o público instantemente pediu para serem bisados não regateando aclamações a quem délas se mostrou credor, ou fossem os srs. Antonio Alves, que, com a maior competencia, rege a banda do 24 ou o sargento Oliveira Pinho, que egualmente revelou as maiores aptidões musicaes e gosto na escolha dos trechos ensaiados pelo seu orfeon.

A's 24 horas davam-se por terminadas as grandiosas festas que nos proporcionou, em conjunto, o *Grupo de Defêsa da Republica* e corporação de infanteria 24, festas que não só a nós como a todos quantos teem arreigadas convicções democraticas e patrioticos intuitos de morigerar, pela Republica, a terra lusitana, deixaram perduraveis recordações, que não será facil apagar, pois ficáram indelevelmente marcadas pelo cunho de sinceridade que inspirou os seus promotores, dignos, por todos os motivos, da nossa admiração e simpatia.

NOTAS VÁRIAS

Dentre as muitas adesões recebidas pelo *Grupo de Defêsa da Republica* á festa de domingo conta-se uma carta euviada ao presidente do Grupo, sr. Bernardo Torres, pelo senador Albano Coutinho, concebida nos seguintes termos:

Ex.mo Sr. Bernardo Torres

Presidente do Grupo de Defêsa da Republica

Aveiro

Não me sendo possivel assistir ás festas promovidas em Aveiro pelo Grupo de Defêsa da Republica, *venho agradecer o amavel convite de V. Ex.ª, e assegurar-lhe a minha grande simpatia pela iniciativa que tomou aquêle grupo, ofertando uma bandeira ao brioso regimento de infanteria n.º 24, cujas tradições democraticas todos nós, republicanos do distrito de Aveiro, conhecemos e apreciamos devidamente.*

Estou bem certo que a homenagem constituirá uma calorosa afirmação dos bons principios republicanos, enlaçando-se a defêsa da Republica com as saudações ao exercito, na sua missão disciplinadora e ordeira, tal como a simbolisa o valente regimento do 24.

Saude e fraternidade

Lisboa, 23 de Abril de 1914

Albano Coutinho

* * *

Os Bombeiros Voluntarios de Ovar fizeram-se representar no cortejo pelo sr. dr. João Maria Lopes, seu comandante e medico da associação.

* * *

Egualmente as câmaras de Vagos e Oliveira do Bairro se fizéram representar, a primeira pelo dr. Vasco Rocha e a segunda pelo sr. Albino Pinto de Miranda. A câmara da Feira pediu á de Aveiro que a representasse, o que esta fez.

* * *

O deputado dr. Pedro Chaves assim como outros seus colégas do distrito com assento no parlamento, enviaram telegramas de saudação e adesão ás festas de domingo cuja iniciativa louvam.

* * *

O carro da cidade, que mereceu unanimes elogios, deve-se á concepção artistica do nosso conterraneo Carlos Mendes, que o delineiou, apresentando-o com uma originalidade digna, realmente, de todos os louvores.

Pela nossa parte não lhos regateamos porque bem os merece.

* * *

Pede-nos a briosa classe dos sargentos de infanteria 24 para agradecermos em seu nome aos moradores das ruas por onde passou o regimento a sua aquiescencia ao pedido que lhes foi feito para engalanarem as fachadas das suas residencias, o que gostosamente fazemos, folgando com as atenções por eles recebidas.

* * *

Na terça-feira realisou-se no *Teatro Aveirense* uma sessão cinematografica só para os militares que fazem parte da guarnição désta cidade sendo notavel a compostura e irrepreensivel porte com que assistiram á passagem dos vários *films* sobre o *écrain*, alguns dos quais engraçadissimos. E' que não só da parte do digno comandante do 24, sr. Cristiano Braziél, como da distinta oficialidade jámais foi descurado o ensino das boas regras de civilidade que ao soldado muito aproveita tornando-o humilde, bem educado, reconhecido, respeitador e disciplinado.

A quarta invasão francêsa ou a "Companhia do Vale do Vouga,,

—=(*)=—

Resa a historia que as invasões francêsas foram três, capitaneadas sucessivamente pelos generais Junot, Soult e Massena, o anjo da vitoria de Napoleão que liquidou desastradamente no Bussaco em 27 de Setembro de 1810, e a seguir em frente das poderosas linhas de Torres Vedras.

Eis, porém, que, passado precisamente um seculo, nos bate á porta uma 4.ª invasão francêsa, mais temivel do que todas as outras juntas, comandada pelo grande cabo de guerra da finança Mercier & C.ª.

Para facilitar a sua entrada nos nossos pacatos dominios a monarquia deu-lhes carta franca para riscarem, expropriarem e construirem um caminho de ferro de via reduzida, a que convencionaram chamar *Caminho de Ferro do Vale do Vouga*, e a que o nosso povo, que muitas vezes tem o instinto do ridiculo, alcunhou galhofeiramente, e com fundo de verdade, de *Caminho de Ferro do Vale das Voltas*. Assentaram aqui arraiaes estes invasores, como dissémos, nos ultimos tempos da monarquia, e nas condições que muito bem quizéram. Seria extenso rememorar tudo quanto constitue o libelo acusatorio contra essa companhia, que prosegue nas suas ousadias com a velocidade adquirida que vem já do tempo da defunta, e que parece mandar aqui como regulo em terreno conquistado. Entre muitos respiguemos o seguinte facto:—A tarifa para passageiros é de 11 reis no ramal de Aveiro e no troço entre a Sarnada e Espinho.

Pois não sabemos se com o consentimento do govêrno, éla cobra a percentagem de 14 reis por kilometro naquele trajecto quando o passageiro tira bilhete no troço de Sarnada a Vizeu, que é de 14 reis, e tem de fazer viagem para Aveiro ou Espinho!

O facto toca as raias do escandalo, e é caso para perguntar se o govêrno da Republica tem conhecimento duma violencia désta ordem e a consente.

O facto é por demais escandaloso e está levantando clamorosos protestos a que urge dar uma satisfação, porque, alem de tudo o mais, até concorre para o desprestigio das instituições.

Que as providencias se não demorem, exige-o o brio e o interesse de nós todos.

Ou isto é roupa de francêses?

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

José Luciano de Castro

—=(*)=—

As anunciadas exequias comemorando o falecimento do velho conselheiro do regimen deposto — José Luciano de Castro — realisaram-se anteontem nesta cidade na egreja da Misericordia. Espalhou-se acintosamente que a comissão cultual da freguezia da Gloria se opozéra a que esse serviço religioso fosse executado na egreja de S. Domingos. Mais uma mentira a juntar a tantas outras que calculada e metodicamente por aí se espalham.

O governador do bispado é que se opoz a que tal acto se realisasse na referida egreja de S. Domingos, justamente porque nesta freguezia está organisada a respectiva comissão cultual. E melhor foi assim porque o contrario mais avolumaria a decepção dos que anteviram, em tal pretexto, ocasião de exibir forças que não pódem ter, preponderancia que não póde existir.

Pequeno como é o templo da Misericordia e apesar de reduzido a dois terços pela ocupação do catafalso e bancadas, a egreja não chegou a encher-se, havendo ainda suficiente espaço onde, á vontade, se moviam os vários *mestres de cerimonias* que, numa faina constante, se agitavam dum para outro lado.

Que proporções não atingiria o fiasco se tal se desse na egreja de S. Domingos, duas vezes maior do que a da Misericordia? Indiscutivelmente uma parada de forças monarquicas, o acto a que nos vimos referindo, coberto ainda pelo prestigio do falecido. Poucos, bem poucos, no templo entraram animados pelo verdadeiro sentimento de gratidão e reconhecimento pela memoria do que mais uma vez de pretexto servia para os ambiciosos e mediocres se ufanarem com a presença de duas centenas de velhos comparsas e inconscientes e irrisorias figuras, prontas sempre a se moverem ás indicações dos que reputam grandes mandões.

Eternos cumprimentadores do sol que nasce ou do lampeão acêso que bruxuleia, aparecem sempre em volta de quem servem com aquela consciencia que se lhe estampa nas fivesas e que lemos á primeira vista!

Mas os imbecis são antigos e em tão avultado numero serviram as mortas instituições que se tornaram quasi que propriamente outra instituição! Por isso farta deles foi o mostruario na Costeira, alegre e fertil motivo, na sua variada exibição, para gaudio não só da alegre estudantada como dos que, como nós e tantos outros, tivéram olhos para vêr e vontade para... rir!

Nesta resumida apreciação dos factos não vae, assim o garantimos, o mais pequeno desacato para o que, no fundo de tudo isto, ha digno de respeito e acatamento.

Vae sim a confissão da nossa revolta proveniente do cinismo de quantos á sombra de razões, as mais respeitaveis, procuram pretextos para iludir os outros e a eles mesmo, sonhando... imperios do poderio que caíram e não voltam mais. E não voltam porque hoje, esses que para aí vimos armados em supremos dirigentes, arbitros da vontade de indiegna, não poderão dispôr, para manter a sua já muito falida e problematica influencia, de eguaes favores aos que outróra os engrandeceu custando milhares de contos ao tesouro publico. E não é, sem duvida, com a sua exclusiva e pessoal amizade de *caciques*, que os *dedicados correligionarios* se contentam!..

Mas... apesar dos reclames feitos, das anunciadas maravilhas de ornamentação, do explendor da orquestra, do encanto dos côros e da sublimidade da oração —não incluindo os 2000 convites distribuidos—a assistencia foi diminuta não chegando a ocupar, como dizemos, o recinto util da pequena egreja.

Mas, temos que confessa-lo: entre essa assistencia apareceu alguma que, verdade, verdade, nos fez sentir uma determinada especie de vertigem que domina os espiritos mais firmes, ao fixar-lhe a face estanhada e cinica!

Nesta apreciação não incluimos a variedade extraordinaria e... *mistica* dessa aluvião de bonzos que, como uma praga de gafanhotos, chegou a apavorar-nos, tal era o seu numero! O que por aí foi de padralhada!

Magros, gordos, altos, baixos, pálidos, córados, autenticos exemplares pategas uns, outros de faces seraficas, rebolando as nadegas com passo picadinho, de gorvernador do bispado á frente, a parada redundou numa demonstração, de facto, mais carateristicamente clerical do que outra cousa. Se é cérto que o partido progressista foi o partido dos priores, com ama ou sem ela, não foi por isso que estes em tão grande numero compareceram á chamada.

Não. Não foi a consagração da memoria nem a entrada para a bemaventurança do espirito de José Luciano que aí os trouxe, aos bandos!

Resumindo: nas exequias do extinto estadista apenas autenticado ficou as centenas de escudos gastas e a convicção profunda que o resultado não correspondeu ao fim, exclusão feita á repugnancia causada por a desfaçatez da conhecidissima firma Béco, & C.ª!

Um aspecto do cortejo passando em frente ao quartel de cavalaria 8, em Sá

E' falso!

Os camaleões da Vera-Cruz, a quem se encostou agora o juiz da irmandade do Santissimo de Esgueira por causa da protecção que lhe prometeu o sr. Barbosa de Magalhães, em Lisboa, aos pés de quem se foi rojar a pedir que o salve da sindicancia movida pela comissão executiva da Junta Geral aos seus actos administrativos, os camaleões da Vera-Cruz, diziamos, inventaram e publicaram no sujo orgão, que tem sido, é e hade ser o eterno vasadouro de tudo quanto represente a negação da verdade ou o prestigio da moral, que *da estação superior competente acaba de baixar a ordem que põe termo ao arbitrio de que dimanava e diz da ilegalidade que se cometia!*

Nada disto é verdadeiro. A sindicancia á irmandade do Santissimo de Esgueira foi votada unanimemente por toda a comissão executiva em harmonia com a lei e já agora responsabilidades se hão de apurar porque assim o exige a moralidade republicana, o decoro publico, a propria honra do juiz da confraria que devia ser o primeiro a empenhar-se por essa sindicancia, como faz toda a gente que não teme, e não a crear-lhe embaraços, procurando meios de fugir ás contas que legitimamente lhe são pedidas por uma corporação que a baba do *Bichêsa* não atinge nem o contacto de Barbosa de Magalhães, com todo o seu democratismo é susceptivel de corromper.

Mas o *Camaleão* foi sempre assim. E' pecha antiga, que o tempo não modificou por uma déstas aberrações excepcionaes da nefasta familia tão desvergonhada quanto impertinente e cinica.

O cheque mate que de cima veio, e que só os sinistros comediantes da Vera-Cruz viram, ainda nos hade servir de muito como nos tem servido toda a prosa das colunas do *democratico* realejo onde, para cumulo de todos os cumulos, ainda se foi acoitar um juiz da irmandade do Santissimo!

Querem festa? Pois descancem que a hão-de ter. E breve...

UM PROTESTO DOS REPUBLICANOS DE ALQUERUBIM

—=(*)=—

Estivéram na segunda-feira nésta cidade os cidadãos José Miranda Leal, Julio Pereira de Castro, Manuel Maria Mendes Leal, Delfim Corrêa de Mélo, Antonio José de Almeida, Francisco Corrêa de Mélo, Eduardo Reis, David Pereira de Lemos, Cosme Pereira Lemos, Manuel de Matos, Joaquim Gomes da Silva, Francisco de Bastos, João Henriques de Azevedo, Manuel de Oliveira Santos, José Saraiva Pires, Antonio Araujo, Joaquim Henriques da Silva, Joaquim de Araujo, Clemente Neves, Vicente Marques Oliveira, Diamantino Augusto da Silva, José Martins Abreu Junior, Ricardo Abreu das Neves, Antéro de Oliveira Quintas, José Marques Frias, Joaquim Corrêa da Silva Mélo, Domingos da Silva Mélo, Delfim Pereira Lemos e Orlando Pereira Lemos, que, como representantes da freguezia de Alquerubim, se avistaram com o sr. governador civil a quem apresentaram o seguinte protesto:

O povo verdadeiramente republicano da freguezia de Alquerubim, constituido em comissão, vem, perante V. Ex.ª, protestar e pedir energicas providencias contra os desmandos, contra as perseguições e constantes ameaças de que é alvo por parte dos seus inimigos politicos, monarquicos confêssos todos êles, e do mais baixo estôfo moral, acobertados sob o manto... *caritativo* do unionismo!

Não é nosso intuito atacar seja quem fôr; nunca o fizémos e jamais o farêmos!

Mas, para que V. Ex.ª fique conhecendo bem esses inimigos da Patria e da Republica, permita-nos que, em bréves palavras, expunhamos a V. Ex.ª os gràves acontecimentos, movidos encobertamente pelos reaccionarios, que nos ultimos dias se teem desenrolado na freguezia a que pertencemos e da qual representamos a maioria:

No dia 19 (domingo penultimo) o prior da freguezia de Alquerubim, sem previo consentimento da autoridade, reuniu, a seu pedido, dentro do templo déssa freguezia, algumas dezenas de individuos, aos quais expôz o que, ha muito já, havia premeditado: os motivos da sua saída da igreja, e que escolhessem paroco que o substituisse, ao qual teriam de pagar, e que, (veja bem V. Ex.ª!) *nenhum paroco para lá iria sem que estivessem terminadas as obras da igreja!*

Diremos a V. Ex.ª, em abono da verdade, que a maioria dos assistentes a éssa reunião, era composta de desordeiros temiveis, arruaceiros profissionais, não poupando, como provaremos a V. Ex.ª, senhoras honestas, a quem atiram lama que as não atinge e que sómente a êles suja ainda mais.

Déssa reunião, se não fosse a prudencia e boa educação dos representantes do Partido Republicano Português, brotaria um gràve conflito, que, com toda a certêsa, poria de luto muitas familias.

Os inimigos da Patria e da nossa querida Republica, armados de gróssos varapáus, ameaçaram, numa furia louca, os verdadeiros republicanos, tentaram sublevar o povo ordeiro e bom, honrado e trabalhador déssa freguezia, pretendendo *tocar os sinos a rebate!*

As mais baixas apostrofes, as ameaças mais terriveis, os ditos mais soezes e as mentiras mais infames de tudo se serviram, de tudo se servem ainda, para combaterem os seus adversarios politicos.

Chamam o povo á revolta, cólam nas paredes e nas portas dos domicilios pamfletos anonimos, como na noite de antes de ontem para ontem fizéram, ofendem e ameaçam as dignas autoridades locais, e, até, quando déssa reunião na igreja, tivéram o arrojo inaudito de dizerem, por entre as imprecações mais baixas que, ou o administrador do concelho terminava a igreja ou a isso o obrigariam á força!! Como se a culpa fosse dêle!

Calcule, pois, V. Ex.ª a que ponto os reaccionarios chegaram!

Os representantes do Partido Republicano Português jámais perseguiram ou ofenderam o paroco de Alquerubim, pois este habita a residencia paroquial sem que para o Estado pague qualquer renda; não ha comissão cultual nêssa freguezia; todo o povo respeita êsse padre que se quer fazer, á viva força, perseguido pelos republicanos democraticos, que se quer fazer martir da Republica!

Ninguem o hostilisa, ninguem!

Portanto, para que quer o prior de Alquerubim revoltar esta freguezia, lançar néla a desordem? Com que fito?

Não ha outro intuito, creia-o V. Ex.ª, que não seja o de lançar a discordia entre o povo bom e ordeiro que representamos, atacando déssa fórma os verdadeiros republicanos e a Republica. E' este o unico intento desse padre, que atira a pedra e esconde a mão!

Nós vimos, pois, em nome dos interesses da Republica pedir a V. Ex.ª que mande proceder a um rigoroso inquerito para se apurarem responsabilidades, *honrando* os prevaricadores com o castigo que merecerem.

E' isto, simplesmente que vimos pedir a V. Ex.ª; doutra fórma armar-nos-hemos e, no momento oportuno, defenderemos a nossa querida Republica, a nossa querida Patria, as nossas vidas ameaçadas, a nossa familia e a nossa propriedade.

Esperamos, portanto, que V. Ex.ª nos atenda nésta justa petição para bem do povo de Alquerubim, da Patria e da Republica.

O sr. dr. Augusto Gil prometeu atender os comissionados, que retiraram satisfeitos com o modo como s. ex.ª os recebeu e ouviu.

IMPORTANTE

Corre que a câmara de Ilhavo vai proximamente deliberar sobre a numenclatura das ruas do seu concelho, havendo quem apresente a proposta de se dar o nome dum conhecido medico a determinada alameda da Gafanha como o de *Avenida do Melro* á estrada principal do logar.

Nada mais justo.

Junta Geral do Distrito

A' sessão de sabado da comissão executiva presidiu o vogal mais velho, Elisio Feio, secretariado por Arnaldo Ribeiro e estando presente o vogal sr. dr. Samuel Maia.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, tomou-se co-

nhecimento da correspondencia, do balancête do tesoureiro, acusando um sal de 19$47 depois do que ficou deliberado fazer um inquerito ás duas secções do asilo por constar haver internados cujas familias estão em boas condições de os sustentarem.

O sr. Elisio Feio declarou que se associava ao voto de sentimento pela morte do sr. Manuel Tavares Maia exarado na acta da outra semana.

Hoje efectua-se a reunião plenária da Junta que está despertando bastante interesse pelos assuntos a tratar.

A CAMARA DE VAGOS
E O
ADMINISTRADOR

A Câmara Municipal de Vagos aprovou, em uma das suas sessões do mez findo, a seguinte proposta:

«A câmara, considerando que o administrador deste concelho, Agnelo Regala, não reside nele, como é de lei, mas sim em Aveiro, como é publico e notorio e o proprio administrador publicamente confessa, com gràve prejuizo do serviço publico e interesses legitimos do povo do concelho, resolve não autorisar o pagamento do ordenado deste mez e seguintes, àquele funcionario, participando esta resolução aos Ex.mos Ministro do Interior e Governador Civil do distrito.»

Não sabemos como o sr. Regala apreciará a proposta da câmara de Vagos; quer-nos parecer, no entanto, que indubitavelmente lhe terá produzido amargos fortes na boca, a não ser que o sr. Regala possua um estomago valente.

Cremos bem que a câmara de Vagos não teve este gesto decisivo para ser desagradavel á autoridade administrativa ou para qualquer especulação politica.

A câmara de Vagos não podia ter com o sr. Regala outro procedimento que não fosse o de cortar-lhe a coléta, o que a miudo se faz a todo aquele que não cumpre ou não quer cumprir os seus deveres.

Politicamente, o sr. Regala nada vale; é insignificante demais para os democraticos de Vagos se arreceiarem da sua importancia politica ou temerem os seus coloquios agradaveis com os padres expulsos e séquito bronco e inconsciente.

A politica democratica de Vagos não é o que o sr. Regala pensa e o que dela tem dito.

Ao partido democratico de Vagos se devem os beneficios realisados em todo o concelho, trabalhando a câmara, que tambem é democratica, dedicadamente pelo seu engrandecimento material e moral.

Politicamente, o partido democratico de Vagos não precisa da cooperação do sr. Regala, como administrador nem mesmo da cooperação doutros quaesquer funcionarios administrativos.

Aquela proposta da câmara, altamente moralisadora e que, por isso mesmo, deve merecer o aplauso de todos os republicanos sincéros, teve por fim unica e exclusivamente têr termo á situação ilegal e escandalosa que o sr. Regala vem tendo desde que foi nomeado para administrador do concelho de Vagos.

E sendo assim, semelhante escandalo não deve permitir-se por mais tempo sob pena da responsabilidade daqueles que, pela sua posição social,

devem ser os primeiros a fazer respeitar o cumprimento das leis.

Ninguem duvida de que a câmara de Vagos, suspendendo o ordenado do sr. Regala por não residir no concelho, isto é, por não cumprir o que a lei ordena, praticasse um acto significativo, um acto de justiça, de bôa moral.

Na Republica, que todos os bons republicanos ardentemente desejam que ela se aperfeiçoe e engrandeça pelo cumprimento exacto das leis, não devem consentir-se abusos, ainda os mais insignificantes.

Devia doer ao sr. Regala o acto violento, mas nobilitante, que para com ele teve a câmara de Vagos. E—quem sabe?—talvez o sr. Regala, com aqueles seus ares de importancia, ainda não se capacitasse da sua situação incompativel com a lei e com a dignidade da Republica.

Contudo o sr. Regala não deve ter duvidas a tal respeito. A sua situação no concelho de Vagos é já insustentavel, agravada para mais, deploravelmente, pelo arrazoado que publicou e onde pretendeu alijar a carga, que sobre si peza, nos governadores civis com quem tem servido e serve.

Denunciada a sua situação ilegal, contra a qual a câmara protestou como lhe competia, reconhecida a sua incompetencia para o cargo para que, por um sentimentalismo humanitario, foi nomeado, o sr. Regala só tinha um caminho a seguir:—não voltar a Vagos. Se assim procedesse tinha ao menos o merito de ser sincéro e não tinha a infelicidade de ter por defensor o orgão dos padres que em Vagos espalham, entre o povo inconsciente, as mais vis calunias contra a Republica e democraticos de Vagos, desses padres a quem o sr. Regala se afeiçoou e que fôram já castigados por se insurgirem contra as leis do país.

De resto, em Vagos não ha *politiqueiros*, como diz o sr. Regala; ha, sim, politicos que fazem entrar na ordem os *politiqueiros*.

Ficou isto claramente demonstrado na proposta da câmara que não autorisa o pagamento do ordenado ao sr. Regala por não cumprir legalmente o cargo para que foi nomeado.

Abuso inqualificavel

Chega ao nosso conhecimento que o atual encarregado do Museu Regional emprestou para as exequias da Misericordia vários objectos pertencentes á exposição o que, a ser verdade, constitue um dos maiores abusos do sr. Marques Gomes de quem o museu não é pertença para que assim disponha do que lá se encontra e ninguem autorisa a ser desviado.

Ao sr. governador civil pedimos averigue do facto que, repetimos, é abusivo e merecedor de reprimenda.

Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores. Entre eles uma correspondencia de Oliveira de Azemeis, que irá no proximo numero.

1.º de Maio

A classe operaria de todo o mundo festeja hoje este dia por ser o destinado ás suas reivindicações.

Associação Comercial

Esta prestante agremiação local fáz-se representar no 1.º Congresso Nacional das Associações Comerciaes e Industriaes Português e que em Lisboa se vai iniciar ámanhã, 1 de Maio, pelos seus consócios dr. Marques da Costa e Alberto Souto.

Mais uma vez a Associação Comercial demonstra que não descura os interesses por que lhe cumpre velar.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 32$00 o vagon.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

MAIO

DIAS	PHARMACIAS
3	ALLA
10	BRITO
17	REIS
24	MOURA
31	LUZ

Agradecendo

Joana Gomes de Faria e Maria da Conceição Gomes de Faria Magalhães, julgam ter agradecido ás pessoas que se dignaram visitar seu saudoso marido e extremoso pai, Amadeu de Faria Magalhães, durante a sua longa enfermidade, e acompanharam depois o seu cadaver á sua derreira morada; se por involuntario esquecimento alguma falta houve, porém, disso pedem desculpa e a todos agradecem penhoradissimas.

CORRESPONDENCIAS

Anadia, 27 de Abril

O nosso amigo, sr. Alberto Sobral, digno administrador dêste concelho recebeu ontem uma mensagem subscrita por setenta e cinco dedicados republicanos da freguezia de S. Lourenço, protestando energicamente contra as calúnias que lhe foram assacadas em umas *cartas* que, désta vila, teem sido escritas para a *Republica*. Em o numero dos que subscrevem a dita mensagem notam-se os nomes dos nossos amigos, dr. Antonio Cosme, presidente da comissão executiva da Câmara, Aristides Seabra, presidente da Câmara, Antonio J. Cardote, presidente da comissão politica de S. Lourenço e vários membros da Junta de Paroquia da mesma freguezia.

E' esta a melhor resposta que se póde dar a uma certa cafila de monarquicos que, com rotulo de evolucionistas, por aqui andam vagueando.

C.

Alquerubim, 29 de Abril

UM BANZÉ

Lavra nesta freguezia uma celeuma enorme, devido á caturrice dos nossos politicos que, pela sua mal entendida intransigencia, estão levantando uma tempestade num copo de agua.

E' uma bulha de soalheiro que nos transporta, em espirito, aos ultimos tempos da monarquia agonisante. E não ha esperança de que alguem, de energia e senso, faça entrar uns e outros no trilho dos seus deveres. Exponhamos os factos: Segundo dizem, a obras da reparação da igreja, que estão paralisadas, não proseguirão emquanto o actual paroco estiver á frente da paroquia. A junta, que é democratica, e portanto da feição politica do administrador, não se mexe, e não lhes dá impulso algum, de modo que o paroco resolveu resignar o seu cargo, visto não querer que o povo da freguezia, por sua causa, fique sem a igreja concluida.

Resultado—o povo opõe-se á sua saída e emprega todos os meios para que as obras continuem.

E' este pouco mais ou menos o mecanismo dos factos, em volta dos quaes tem engrossado um movimento de hostilidade contra o administrador e a sua gente, a quem atribuem a paralisação das obras da igreja.

Pela nossa parte que vemos estas arruaças de palanque, compunge-nos tudo isto, por vermos que republicanos de parte a parte estão comprometendo as instituições, numas rixas caseiras que só servem para vincar odios e radicar malquerenças.

Por uma questão de principios, nós fomos sempre de opinião que nunca se gastasse um ceitil nos reparos da igreja, ou, quando muito, o bastante para evitar o seu desmoronamento. Para nós uma casa destinada ao culto é sempre o simbolo da seita mais infame que tem pervertido e ensanguentado a humanidade!

Mal avisados andaram, pois, de principio, os republicanos em se interessarem por um assunto que mostra, embora latentes, os preconceitos da educação que lhes foi ministrada sob influencia do padre. Parece impossivel que republicanos consentissem que se inutilisassem tantos contos em confessionarios, altares e gamelas de agua benta, quando o nosso povo está tão necessitado de obras de beneficencia e outros melhoramentos, como uma ponte sobre o Vouga que mais lucrativa nos era do que o casarão da igreja. Deixem que meia duzia de carolas—os conselheiros Acacios cá da parvonia, com a sua orientação de sacristia, se intrometam em tais questiunculas, e enveredem os senhores republicanos por um outro caminho, unico digno de um espirito moderno, que é melhorar as condições materiaes e moraes do nosso povo, iluminando-lhe o cerebro com a luz da instrução e tornando-lhe cada vez mais suportavel o pesado fardo da vida. Para o antro lobrego de uma igreja só esvoaça a coruja, e envereda o lorpa ignorante e ingenuo e o malandro de categoria que quer acobertar a sua vida criminosa sob a capa da religião. Na verdade cheira a bafío, é retrogrado, que uma freguezia das mais ilustradas deste concelho, no seculo XX e em plena democracia, dê o exemplo humilhante de se preocupar com igrejinhas, como se vivessemos num periodo de infantilidade, ou retrocedessemos ás épocas da cretinice religiosa. Mas já que calçaram a bota, descalcem-na agora. Começaram essa asneira de pedra e cal, por coerencia e dignidade teem de a acabar. Nada de perrices que só servem para irritar e trazer em desasocego uma freguezia inteira. E quem póde e manda, que veja com olhos de vêr.

Completem a asneira o mais depressa possivel, concluam as obras, para que se não diga, como já ouvimos, que a igreja vai pelo caminho do hospital que tropeçou em nó de cão. Não tornem mais irritante o banzé, porque póde dar-se o caso de o padre eterno, aborrecido com o procedimento de uns e outros, intervir no assunto com algum raio ou tremor de terra, como aconteceu á igreja de Benavente. E talvez não fosse pior para acabar de vez com estas birras que só irritam e rebaixam.

E' a nossa opinião.

Z.